

Saudades de Sião – leitura do desejo de retorno em textos de MLH

Francisca Zuleide Duarte de Souza

Departamento de Letras e Artes - Universidade Estadual da Paraíba

zuleideduarte@hotmail.com

Resumo: O tópico do exílio perpassa a literatura desde o seu nascedouro e chega à contemporaneidade pelas múltiplas vozes dos escritores disseminados pelo mundo. Maria de Lourdes Hortas, poeta e ficcionista luso-brasileira, representa essa tradição, realizando obras que tematizam o binômio emigrante-exilado, criando personagens que são vítimas da saudade e da obsessão pelo retorno à pátria. Ler a representação do exílio através da personagem feminina, melancólica, é objeto desta leitura.

Palavras-chave: exílio, literatura, melancolia

Super flumina...

Sôbolos rios que vão
por Babilónia, m'achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Sião
e quando nela passei.

Ali o rio corrente
De meus olhos foi manado,
E tudo bem comparado,
Babilónia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Ali lembranças contentes
n'alma se representaram,
e minhas cousas ausentes
se fizeram tão presentes
como se nunca passaram.
Ali, depois de acordado,
co rosto banhado em água,
deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não é gosto mas é mágoa.

(CAMÕES, Luiz Vaz de. *RIMAS*, 1980:105)

Nenhum texto poderia representar melhor a longa travessia de personagens exilados, forasteiros, como a epígrafe acima. O poeta Camões, entre Babel e Sião, viveu reconfortado pelas lembranças do bem passado, torturado pela saudade das pessoas e lugares que imprimiram na sua alma de poeta marcas, cicatrizes, exigindo retorno, reencontro com uma identidade pulverizada em referências longínquas.

Retornar tem sido para personagens exilados, diaspóricos, degredados, o alento para uma vida suspensa, passado roubado. A personagem Mariana, de Adeus Aldeia

(1995) livro da escritora luso-brasileira Maria de Lourdes, sentiu, ao retornar a aldeia onde nasceu e viveu até os 10 anos, um impacto semelhante à ressurreição. Dolorosa experiência que a fez constar estar memória da pátria afogada no fundo do mar que atravessou ao partir. As pessoas e os lugares sonhados não tinham materialidade e ela descobriu, afinal, que ali não era mais o seu lugar. A imagem do paraíso perdido estava destruída e só pela memória era possível refazê-la. Superar a melancolia ou deixar-se tragar por ela eram as saídas possíveis. Ir à aldeia e não se sentir em casa foi um passo decisivo para que ela reelaborasse a fantasia, triunfando sobre os fracassos sofridos, transformando as fraquezas em forças.

Empreender a volta à aldeia por necessidade de destruir o dique que dividiu a sua vida e sua chegada anônima lhe deu a exata significação da visita. O retorno de Mariana dialoga com a definição dada pela autora caboverdeana Orlanda Amarílis em *A casa dos mastros*: — caminho de emigrantes, caminho da procura, caminho de ir e voltar”.

O movimento de ir e vir de que fala Orlanda, ela própria estrangeira em Portugal, evidencia a busca da identidade perdida, quando, ao aportar na terra natal, onde se julga encontrar a forma de ser estar no mundo, evidencia-se que a nostalgia, Além disso, o exílio não foi suficiente para desenraizar a personagem. Mais: não obstante a ligação visceral com a aldeia, qualquer tentativa de reterritorialização redundaria em um novo exílio.

O processo de volta à aldeia é simultaneamente o retorno nostálgico que culmina com a desidealização do paraíso perdido, o que ocorreu de forma exemplar com Mariana quando, no retorno a São Joaquim da Serra, foi tratada como forasteira, tão dissonante se afigurava a personagem entre os aldeões. O primeiro estranhamento instaura-se com a ausência da mãe, seguida de uma série de tentativas de fazer-se reconhecer pela comunidade. Por fim, a própria personagem, traída pelo inconsciente, expressa sua inadaptação à vida da aldeia que no exílio idealizou: *Ah fadário ela que tanto se imaginou regressando por um tempo de Páscoa, como não havia de desesperar vendo-se assim, rodeada de labregos?* (AA, p. 150).

Para quem migra e para os lusitanos também, o retorno à aldeia simboliza a reintegração às origens, à terra-mãe. Miguel Torga, poeta português que migrou para o Brasil aos treze anos, registra, no poema abaixo, sua ideia de pátria:

PÁTRIA
Soube a definição na minha infância.
Mas o tempo apagou
As linhas que no mapa da memória
A mestra palmatória desenhou.
Hoje
Sei apenas gostar
Duma nesga de terra
Debruada de mar.

(Torga, Miguel. *Portugal*.)

O regresso à aldeia, paradoxalmente, deu a Mariana a exata medida da sua condição de estrangeira. Em Vale-de-Sobreiros e em São Joaquim da Serra (aldeias onde viveu) as pessoas não a reconheceram: trataram-na como hóspede, forasteira. Até dos pastéis que comera na infância —o gosto de açafão havia-se evolado. De repente, a personagem se dá conta da estranheza da situação: Sentia-se forasteira e infeliz em Vale-de-Sobreiros. Constatava a felicidade de Tiago, a familiaridade dele com a terra, o cumprimento dos rituais de camponês mas era incapaz de entender. Sentia-se só e trevosa. (AA, p.145).

É um momento crucial na vida da personagem, que acorda do sonho de regresso cultivado por uma década. O desejo de retornar à aldeia e retomar a vida que ali deixara alimentou-a durante a permanência no Recife. Porém, o momento de concretizá-lo afigurou-se-lhe — *“um deserto absoluto, um chão oco.”* (AA, p. 175).

Estava na aldeia, mas aquela não era a sua aldeia. Nela, não se encontravam as pessoas e os afetos ali deixados, até a paisagem mudara. Frustrada, Mariana admitiu, pela primeira vez, reavaliar sua noção de terra natal. Após o desinvestimento no objeto para sempre perdido, a aldeia, a personagem reinveste no país que tanto recusou: *“Sabes de uma coisa, Tiago? Isso de terra, afinal, não tem importância. Sem minha mãe, que mais me prende aqui? O mundo é todo de Deus, onde estivermos, estamos no mundo, portanto...”* (AA, p. 175)

A aldeia longamente pranteada simbolizava o retorno ao regaço materno, ao carinho da mãe Elisa pois, sem ela, tudo perdia o sentido. São Joaquim da Serra representava sua infância e juventude, constituindo o escrínio onde estavam depositados seus preciosos bens: a pátria, a família. Na esperança de reencontrá-los, Mariana viveu, renegando a vida no estrangeiro, como quem salta sobre o abismo, a fim de religar a ponta do novelo que ficara do outro lado. Resistira heroicamente à sedução do trópico, amante fiel de sua aldeia distante.

Entretanto, o regresso não correspondeu à expectativa de Mariana. No lugar da calorosa recepção materna, esperava-a a severa feição da morte: a emoção de saber a notícia da visita da filha fora demasiada para o coração de Mãe Elisa, sempre pleno de saudades: morreu sem revê-la. A notícia foi encontrar os Gama ainda em Lisboa, fato que tornou o percurso para a aldeia ainda mais torturante: *Nenhum precipício poderia ser mais fundo para Mariana do que o canto do banco do combóio onde se enovelara desejando que a viagem para São Joaquim da Serra não acabasse e nunca mais amanhecesse.* (AA, p. 75)

A perda da mãe simbolizou para Mariana o corte definitivo de suas raízes. Ali não era mais o seu lugar. O espaço construído no exílio reclamava o investimento negado. Para ela restava a existência construída ao lado de Tiago e das filhas em Recife, com a vida reivindicando um investimento que a personagem estava, então, pronta para fazer, uma vez que, desinvestindo-se do antigo objeto de amor, era mister substituí-lo:

Como que por encanto os dez anos de Brasil começaram a ecoar forte dentro de Mariana. E podia jurar que o mesmo devia estar ocorrendo com as filhas. O que tanto temia, antes da decisão de emigrar, concretizava-se: estavam todos marcados para sempre. O estigma do emigrante ia mais fundo dentro de cada um, do que o sotaque

dúbio ou a pele amorenada. A verdade, doesse ou não admiti-lo, é que não se sentiam mais portugueses. Nem Mariana que fora a mais difícil de se aclimatar. Era incrível mas pelo jeito tinha sido preciso ir a Portugal para descobrirem o quanto eram brasileiros. (AA, p. 153).

Dessa forma, Mariana neutralizou os efeitos das rupturas que sofrera com a perda da aldeia e canalizou o seu investimento para os valores da vida que o presente ofertava, ao lado do marido e das filhas, no Recife. Sabia que um eventual retorno à aldeia teria, doravante, o caráter de —temporada de férias. Não mais empreenderia a volta: seria visitante, forasteira. Esta certeza chegou para ela “— *apaziguando assim o sentimento confuso de quem há muitos anos atravessou os limites do seu país: talvez remorso, talvez saudade.* (AA, p. 153)”.

A vivência concreta na aldeia desencadeara, de forma inevitável, o processo de desestruturação psíquica de Mariana através do recrudescimento dos conflitos e do sentimento de inadaptação. A necessária reestruturação psíquico-afetiva da personagem só se tornou possível com a superação das angústias de sua experiência melancólica no exílio. Reativada a capacidade de amar, a personagem partiu para um novo investimento, não mais dirigindo o seu afeto a um objeto ideal. A aldeia não perdera o seu lugar na lembrança de Mariana, apenas acentuou-se o seu caráter de intangibilidade, tornando-se um elemento referencial em suas lembranças.

A nostalgia foi experimentada por ela de forma inquietante, mobilizando-a para o retorno. Sua luta com os fantasmas do passado, autêntica odisséia interior, remete ao herói Ulisses que lutou longamente para voltar a Ítaca, sua ilha natal, chegando incógnito sem ser reconhecido pelos seus. Para Otto Fenichel,

A nostalgia é o — sentimento oceânico de união com uma mãe onipotente que as pessoas deprimidas desejam. As pessoas sujeitas a perdas prolongadas assemelham-se ao bebê narcisicamente faminto pelo desejo de regresso. (FENICHEL, p. 377).

Referimo-nos sobretudo ao episódio do reconhecimento por Euricléia que constituiu objeto de análise de Erich Auerbach em *Mimesis*, p. 19: — [...] Vê-se no episódio da cicatriz, como a cena caseira do lava-pés, pintada aprazivelmente, é entretecida na grande, significativa e sublime cena da volta ao lar.

Na *Odisséia* a cena apresenta-se assim: — quando a velha Euricléia segurou a perna na concha da mão, reconheceu a cicatriz pelo taco e largou o pé; a perna bateu na bacia, o bronze ressoou e logo entornou para o lado, derramando água no chão. Alegria e dor apossaram-se juntas de sua alma; os olhos encheram-se de lágrimas e a força de uma voz se embargou. Tocou, porém, no queixo de Odisseu e disse: — Tu és, não há dúvida, Odisseu, meu amado filho; eu só te pude reconhecer depois de tocar todo o corpo de meu amo. (HOMERO, p. 232).

Também na tortuosa volta ao passado empreendida por Mariana em *Adeus Aldeia*, esse confronto será inevitável. Na epopéia clássica, avulta o dinamismo de Ulisses: a ação conjuga-se com a reflexão no périplo de volta a Ítaca, seu lar. Há, entretanto, no texto épico, uma primazia das ações ou peripécias; no texto de Maria de Lourdes Hortas, contemporâneo, ficcional, adensa-se o perfil reflexivo da personagem,

esbatendo-se o caráter episódico. A aproximação que fazemos dá-se pela identidade temática: o retorno. O paralelo com o herói da *Odisséia* é pertinente na medida em que Ulisses é o paradigma do exilado à procura da pátria perdida, sendo o exílio o lugar da nostalgia, do mal do retorno. Na verdade, não se volta da mesma maneira como se partiu nem se encontram as coisas como foram deixadas; retornar é, para o exilado, retrospectiva e retrospecção porque é um retorno a si mesmo, ao tempo anterior ao exílio. Este retorno, impossível no tempo, é alimentado por esperanças que, no fundo, se frustram e decepcionam; assim, Mariana, em *Adeus Aldeia*, decepciona-se quando encontra a pátria e descobre que havia ido, de fato, em busca de si mesma.

A portuguesa procurava na geografia real a correlação com suas memórias, — Mas era ali (...) que o passado perdia toda realidade (p. 102). Sua vida, que havia sido um constante vaivém, começava a fazer sentido no presente. Sofrera uma carência real mas o objeto que tentara resgatar era imaginário e irre-constituível pois a ida real, física, à terra natal lhe dera a exata dimensão do tempo passado. As mudanças operaram-se tanto na cidade quanto nas pessoas: parecia deserta a cidade mas era a personagem que se sentia deserta. Fora ao encontro de sua infância e não a encontrou.

A mesma noção de não-reconhecimento do exilado é representada na obra *Vale da Paixão*¹⁶⁰, da escritora contemporânea portuguesa Lídia Jorge: O que existe são vinte anos de permeio, que não são vinte, são cem, cinco mil, oito mil se pensar n' *A Ilíada*. A distância entre a identidade e a dispersão não tem anos nem séculos.

De forma diferenciada, o escritor angolano José Eduardo Agualusa, no livro *Nação Crioula*, mostra como uma personagem reage ao exílio, adotando uma nova identidade psíquica:

Não vou à procura dos outros... vou à procura de mim [...]

Para mim também foi assim. Em Pernambuco, e depois na Bahia, reencarnei pouco a pouco numa outra mulher. Às vezes vinha-me à memória a imagem de um rosto, a figura de alguém que eu tinha amado e que ficara em Luanda, e eu não conseguia dar-lhe um nome. Pensava nos meus amigos como personagens de um livro que houvesse lido. Angola era uma doença íntima, uma dor vaga, indefinida, latejando num canto remoto de minha alma.

A personagem de *Adeus Aldeia*, ao contrário de Ana Olímpia de *Nação Crioula*, não viveu a experiência de se transformar numa nova pessoa. A lembrança dolorosa da aldeia ausente, o desejo e a esperança do retorno adiaram o necessário reinvestimento na nova pátria. A elaboração da perda do objeto de amor, a terra natal, foi lenta e o elemento água, quer representado pelo mar, ligação entre exílio e aldeia, quer por rios fontes e regatos, quer ainda pela chuva, foi importante no processo de purificação e transformação da personagem. A integração na nova realidade só se dá após retorno à aldeia, espécie de imersão no passado, de onde ela emergiu purificada, renascida.

Diante da necessidade de ser alguém, Mariana precisava encontrar-se enquanto mulher. Já não se identificava com a aldeia pois sua língua soava com estranheza. Onde estaria sua identidade? Sintomaticamente, sua filha, Tâmara, personagem de *Diário das Chuvas*, livro que se segue a A.A. sente a mesma necessidade de retorno e sofre o

mesmo desencanto vivido pela mãe, Mariana. Eis como a chegada de Tâmara à aldeia é descrita:

Tâmara regressou à praça, realidade irreal. [...] Passara tantos anos carregando a aldeia dentro de si que, agora, acontecer o contrário, estar ali, poder percorrê-la palmo a palmo, passo a passo, subvertia tudo. [...] embora tentasse encarar o espólio do passado, não conseguia afastar a impressão da chegada, sentimento incômodo de forasteira, vagando numa geografia ilusória (*DC*, p. 85).

Estrangeira na sua própria terra, a personagem fez como sua mãe, Mariana, uma viagem exploratória, como está enunciado no poema.

— Descobrimento do Recife, do último livro de Maria de Lourdes Hortas, a autora:

Heróis de ontem
de vós herdei a compulsão dos descobrimentos
porém a minha bússola esteve apontando
rotas absurdas ao Cabo Nunca Mais
por isso fiz tantas vezes a Expedição impossível
por mares, Dantes, navegados
impossíveis de resgatar
com a mala de ontem
cheia de laços que já não atam
tranças perdidas.
Não foram as pedras destes monumentos que
me construíram
embora existam, base, em seus alicerces.
Contemplo o incêndio
das searas desertas da infância
e estou pronta para arrumar a mala
de regresso a mim
com os trajes sonâmbulos
as miragens
dos oásis perdidos.
Há sempre um passo que nos leva
ao marco onde
as fronteiras se esclarecem
meridianos definindo os hemisférios.
[...]

Todavia, no coagulado silêncio das águas
pantanosas
me vi — forasteira por ruas alheias.
Chego enfim ao presente
reverso desta paisagem
lá onde estou
outra margem deste mar
águas se desdobrando em rios e mangues
e pedras se fazendo arrecifes.

Neste poema, tão próximo da ficção hortiana, o eu-lírico apresenta-se como — legítimo herdeiro do espírito aventureiro dos descobridores portugueses. A sede de aventura e o gosto pelo desconhecido marcam a personalidade da autora que também conquistou outros mundos através da escrita, o que ocasiona a convicção de que já não é mais possível retornar ao passado. A vida, dividida em dois registros — o do real e o da fantasia — traduz uma singularidade múltipla, que ela, a vida, se encarregou de definir. A disposição para um novo investimento libidinal evidencia-se nos versos: — “estou pronta para arrumar as malas/ de regresso a mim.”

Em *Diário as Chuvas*, a ideia de recomeço se reflete também na estruturação do texto, onde observamos a duplicação do capítulo um no capítulo quarenta e nove. Neste último capítulo de *DC*, algumas modificações revelam o trabalho de investimento no novo: o texto do diário, sempre em itálico e negrito, apresenta um novo discurso e, no antepenúltimo parágrafo do capítulo quarenta e nove, a expressão — lugar delimitado pelo encanto de se reconhecerem é substituída por — espaço delimitado pela alegria do reencontro.

“A idéia de reintegração e o início de um novo relacionamento afetivo denotam o triunfo da pulsão de vida sobre a pulsão de morte, que se configura na passagem” — segurou-lhe o rosto e a beijou conduzindo-lhe na primitiva dança da vida e da morte”. (*DC*, p. 124).

“A alusão a este ritual erótico reitera a assunção ou o investimento em um novo objeto de amor. A imagem da andorinha é usada em analogia com a personagem que, atravessando um oceano de lágrimas, conflitos e frustrações, encontra o caminho da liberdade:” — longe, em sua aldeia, uma andorinha estava regressando” (*DC*, p. 124).

REFERENCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. *Nação Crioula: correspondência secreta de Fradique Mendes*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1997.

AMARÍLIS, Orlanda. *A casa dos mastros*. Lisboa: Bertrand, 1989.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*, 1 ed, São Paulo: Perspectiva, 1976.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Rimas*. Texto estabelecido, revisado e prefaciado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Lisboa: Atlântida Editora, 1973.

FENICHEL, Otto. *Teoria Psicanalítica das Neuroses*. Trad. Dr. Samuel Penna Reis. Rio/ São Paulo: Livraria Atheneu, 1981.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Edição de Antonio Medina Rodrigues. Edusp.

HORTAS, Maria de Lourdes. *Adeus Aldeia*, Trofa: Solivros de Portugal, 1990.

_____. *Diário das Chuvas*, Recife: Edições Bagaço, 1995.

JORGE, Lídia. *O vale da paixão*. Lisboa: D. Quixote, 1998.